



RELIGIOSIDADES E MOVIMENTOS SOCIAIS NA AMAZÔNIA: UMA ANÁLISE DAS BAIXAS EFETIVIDADES DAS LUTAS SOCIAIS

Alexandre Corrêa da Silva (autor)
Graduando em Educação do Campo
Universidade Federal do Pará – UFPA
alexandreufpa2016@gmail.com

Deusa Maria de Sousa (Orientadora)
Doutora em História
Universidade Federal do Pará – UFPA
deusams@hotmail.com

Adria da Silva Brito (coautora)
Graduanda em História
Universidade Federal do Pará – UFPA
adria.brito2403@gmail.com

Lucielma Lobato Silva (coorientadora)
Doutoranda em Antropologia
Universidade Federal do Pará – UFPA
lucielma.lobato@gmail.com

GT 25: Movimentos Sociais e Educação Popular

Resumo

Este trabalho integra projeto de pesquisa Pibid 2017 em andamento, da Universidade Federal do Pará, e tem por objetivo discutir as mobilidades dos movimentos sociais nos últimos anos na Amazônia oriental, mais especificadamente na região que compõem a parte insular do município de Abaetetuba, localizado na mesorregião do nordeste paraense. Local em que as lutas sociais por melhores condições de vida têm sido freadas, especialmente em lugares em que o fenômeno religioso mais se encontra presente. Segundo o antropólogo paraense Heraldo Maués (2010) esse é um dado constante em diversos lugares onde o pentecostalismo deita raízes. Algo semelhante é evidenciado por Patrick Timmer (2001), em pesquisas feitas em São Paulo, onde a presença de evangélicos pentecostais nota-se certa mudança, que segundo ele refletiu no “processo de mobilização e recrutamento à participação em movimentos sociais”. Assim, este trabalho busca refletir sobre a possível relação entre os impactos nos movimentos sociais do campo e a incidência do movimento pentecostal na Amazônia Oriental brasileira.

Palavras-Chave: Movimentos Sociais. Religiosidade. Pentecostalismo. Mobilidades Sociais.

Introdução

É quase um consenso entre os pesquisadores que trabalham com movimentos sociais no Brasil, que eles tiveram fortes relações com os movimentos religiosos, especialmente quando pensamos no período da redemocratização brasileira. Segundo Reginaldo Prandi (1997), esse foi um momento de intensa efervescência dos movimentos sociais ligados com alguma ordem religiosa, especialmente a Católica, nesse contexto as lutas sociais ligadas a religião eram inúmeras.

Para Menezes Neto, o próprio Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST do Brasil teve sua origem vinculada as ações religiosas. Diante disso, o movimento religioso, neste país, se engajou historicamente nas lutas sociais em busca de terra, de melhores



condições de vida, de trabalho, moradia enfim, de dignidade humana. Por outro, segundo Max Weber (1974) a religião cristã possui uma ética, que de certa forma, pode favorecer o conformismo e conformação de novas éticas como a do capitalismo.

As modificações ocorridas nos espaços das lutas sociais e o movimento religioso passou a ter outra configuração especialmente após os anos 90, quando a Teologia da Libertação teve um retrocesso em suas lutas sociais, pois a Igreja católica no Brasil, passou a se preocupar mais com o sagrado e a busca pela salvação. Com isso deixando para outro plano os movimentos sociais, uma vez que o que estava em voga era “trabalhar a alma para uma outra vida, já que nesta o sofrimento é uma forma de se alcançar a salvação”.

No âmbito, das diversas religiões de cunho evangélico, para Almeida (2004), poucos foram os movimentos sociais de lutas com o povo em busca de melhorias, uma vez que seus objetivos sempre estiveram voltados para a salvação no outro plano, isto é, em uma outra vida. Mas, isso não significa que não ocorreram segmentos deste grupo religioso que não se envolveu diretamente na luta social, porém esses são raros, para o autor acima citado, a filantropia é o que mais se vê entre os evangélicos Brasil a fora.

Porém, para Paula Montero (2006), a emergência dos evangélicos no campo religioso brasileiro recente e seu constatado poder de mobilização são fenômenos cujas potencialidades ainda precisam ser melhor exploradas. A autora afirma que “não resta dúvida de que, pelo menos entre as camadas mais pobres, emerge uma forma de conceber a inclusão e a “boa vida” cuja influência na esfera pública ainda não foi corretamente avaliada”. (MONTERO, 2006, p. 49).

Sendo assim, este trabalho tem por objetivo fazer uma breve reflexão sobre a relação entre os movimentos sociais em lugares onde há grande e forte presença de igrejas pentecostais, em uma comunidade ribeirinha localizada no município de Abaetetuba. Essa questão se apresenta relevante, pois *a priori* o que se vê é a contramão dessa relação, algo que tem feito com que muitas pessoas sejam engessadas quanto suas mobilidades de lutas por melhores condições de vida. Mas, como se trata de um projeto de pesquisa em andamento, ainda temos muito caminho a percorrer no que tange a pesquisa.

Região e luta social: campos de mudanças e permanências de interesses

No contexto rural do município de Abaetetuba a questão da relação entre religião e movimentos sociais apareceu muito flagrante no Curso de Graduação em Educação no



Campo, onde muitos discentes afirmam a importância da Pastoral da Juventude Católica como vetor de lutas sociais no interior de tais comunidades. Outros por sua vez mostram a relevância de movimentos evangélicos na busca das orações e encontros de mulheres. Esses entre outros movimentos são apontados como relevantes para as lutas da comunidade em busca de melhores condições de vida.

Por outro lado, muitos teóricos seguem o rumo contrário da afirmação feita por alguns alunos do referido curso, segundo Leonardo Boff (1998) após os anos 90 do século passado, as intensas lutas sociais dos movimentos populares apoiados pela “Teologia da Libertação” foram abandonadas tanto no Brasil, quanto na América Latina pela Igreja Católica. Padres ligados a teologia foram afastados ou perseguidos, segundo Boff (1998), sobre uma fala do ainda cardeal Ratzinger:

Um dos argumentos que o Ratzinger usou num encontro de teólogos alemães, e que deve ser tomado em consideração, foi: "O marxismo morreu como ideologia, morreu como força política organizadora dos Estados, mas ele sobrevive na Teologia da Libertação, que funciona como cavalo de Tróia para penetrar no meio dos pobres". Devemos redobrar a vigilância sobre essa teologia.

Por essa razão, os movimentos religiosos da Igreja Católica vão se assemelhar aos movimentos evangélicos que buscam em sua maioria as orações que os elevem até a salvação eterna. Tal situação é diagnosticada por Ortiz (2001), quando o mesmo toma algumas questões para a discussão que se volta para a modernidade, onde segundo o autor:

a emergência do pluralismo religioso representa um processo de ressacralização, dessecularização ou mesmo reencantamento do mundo, negando o suposto declínio e afirmando, com base no surgimento de novos movimentos religiosos, a importância da religião no mundo atual”(ORTIZ, 2001).

Diante disso, vemos que a modernidade e a globalização atual trouxeram muitas modificações no seio da religião, a qual passou a ter um caráter mais voltado para o sagrado e a relação com o individualismo, como já fora analisado por Louis Dumont (1985), onde o mesmo menciona que o cristianismo inaugurou o individualismo na modernidade, uma vez que a realização do ‘Eu’ se dá com a negação do mundo, com a recusa da vida profana e, portanto, dos problemas sociais desse mundo como a fome, a falta de moradia, e etc.

Seja como for, nos anos finais do século XX, segundo Max Weber (1974) vamos ver no mundo uma modificação muito grande quanto ao que denominamos de secularização ou reencantamento pela religião, uma vez que as técnicas e as tecnologias do século XIX fizeram com que houvesse um desencantamento com o fenômeno religioso, onde ele foi considerado o ópio do povo. Emile Durkheim (1983) firmou que com a advento das democracias no mundo



a religião passou a ter um caráter de luta pelas causas sociais. Mas segundo Boff (1998) essas lutas vão ser freadas a partir da afirmação dos Estados Liberais e Neoliberais (ELIAS, 1993), no Brasil isso ganha folego após os anos 80, do século passado, quando os diversos movimentos religiosos saem do bojo dos movimentos sociais e se afirmam como espaços somente de configuração do sagrado.

Nesse novo espaço, para o antropólogo Heraldo Maués (2010) ocorre uma maior aproximação do sagrado e a pessoa que o busca, havendo, portanto, um retorno ao individualismo visto por Dumont (1985). Onde o interessante é ter a experiência com o mítico, conseguir se elevar espiritualmente. Por outro lado, isso não quer dizer que não houve mais engajamento nas lutas dos movimentos sociais, mas sim que essas lutas não eram uma bandeira, ou seja, não eram entre outros o objetivo das religiões.

Quando pesamos tudo isso nos espaços rurais da Amazônia percebemos a voz de alguns poucos trabalhos nessa linha como o do antropólogo Chales Wagley (1986) que ao analisar a comunidade de Itá, localizada na religião do salgado paraense, percebe nesse espaço pouco é feito pela Igreja no que tange a busca por melhores condições de vida para uma população eu tanto necessitava. O maior envolvimento religioso se constituía de festas de santo, onde a comunidade se reunia em prol do evento e os lucros do mesmo eram todos da paróquia que se localizava na cidade.

O antropólogo Heraldo Maués com trabalhos mais recentes sobre o catolicismo na Amazônia também percebeu o quanto houve o distanciamento do catolicismo com os movimentos sociais. Segundo ele, a questão catequética, votada para a experiência propriamente religiosa foi a maior bandeira para tentar fazer com que mais fiéis se voltassem para a igreja. Mas, as Igrejas ainda mantem, em alguns casos, alguma postura de conscientizar os fiéis quanto aos problemas diários sofridos como a falta de saneamento, de assistência social, de ensino de qualidade e acirramento da violência, tráfico de drogas ou prostituição.

Assim, o contexto amazônico, nos últimos anos as lutas sociais ora a religião se fez íntima dos movimentos sociais, ora se afastou dos mesmos. Segundo Maués (2010), mesmo que a religião não tenha se voltado para as lutas sociais, o fato das pessoas com fortes relações de compadrio se ligarem ao espírito de comunidades religiosas, faz com que os mesmos unidos consigam fazer, alguma forma, suas vozes sejam escutadas por parte dos governantes em prol de melhorias sociais.



O sagrado tem canalizado os movimentos?

A localidade Rio Ajuai é uma região que pertence a área insular de Abaetetuba, possui uma população vasta população, onde a sua grande maioria se encontra hoje convertida ao pentecostalismo. Várias são as igrejas evangélicas que se localizam ao longo da extensão do rio, demonstrando assim o poder que exercem em tal região. Esse poder pode-se considerar que tem influência direta na vida das pessoas, porém possui um caráter estritamente salvacionista, esquecendo-se de influenciar os atores sociais a lutarem por melhores condições de vida.

Nos anos finais do século passado, período em que o pentecostalismo não assentava suas raízes com tanta voracidade, era possível se ver muitas pessoas da comunidade envolvidas em questões como construção, ampliação e inserção de escola municipal com ensino médio. Grandes batalhas sociais em prol da construção de posto de saúde, em busca de direitos como aposentadorias, associações em colônia de pescadores, etc... Essa era uma realidade que se via também em outras comunidades fora o rio Ajuai.

Nosso projeto hoje tem o objetivo de responder a nossa hipótese que é: **“o crescimento das religiões pentecostais na ilha Ajuai é um dos principais fatores para a diminuição dos movimentos sociais”**, isso se compararmos no período citado acima. O que não implica dizer que as pessoas não se movimentam em busca de seus objetivos sociais, mas que esse fenômeno religioso, que se preocupa acima de tudo com a alma e a salvação em outro plano, muito tem feito contra os movimentos sociais na região

Sendo assim, este trabalho aponta para a análise dos movimentos sociais¹ e o fenômeno religioso, onde o mesmo ao que parece estão em uma linha inversamente proporcional, uma vez que ao passo que houve o crescimento e fortalecimento de congregações evangélicas menos lutas sociais acompanhamos, está é uma reflexão que deve ser feita, uma vez que essas são regiões onde o governo pouco se mostra presente, no que tange suas políticas públicas, por essa razão há a imensa necessidade dos movimentos sociais para que esses direitos sejam garantidos, mas eles estão cada vez mais abafados nesse nova fase da religião é segundo Reginaldo Prandi (1997) o reencantamento do mundo.

¹ Desde logo é preciso demarcar nosso entendimento sobre o que são movimentos sociais. Nós os encaramos como ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas (cf. Gohn, 2008)



ALMEIDA, Ronaldo R. M. Religião na Metrópole Paulista. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 19, Nº 56, 2004.

BOFF, Leonardo. O despertar da águia. O di-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. Petrópolis: Vozes, 1998

DUMONT, Louis. O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco. 1985

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. Introdução e Conclusão. IN: Emile Durkheim (Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1983

ELIAS, Norbert. O processo civilizador: formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993

MAUÉS, R. H. Comunidade no “sentido social da evangelização”: CEBs, camponeses e quilombolas na Amazônia oriental brasileira. Religião & Sociedade, v. 30, n. 2, p. 13-37, 2010.

MONTERO, Paula. Religião, Pluralismo e Esfera Pública no Brasil. Novos Estudos CEBRAP. No 74:47-65. São Paulo: Cebrap, 2006.

ORTIZ, Renato. Anotações sobre religião e globalização. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 16, n. 47, p. 59-74, out. 2001.

TIMMER, Patrick. Religião e Movimentos Sociais: Os evangélicos no movimento de moradia de São Paulo. Juiz de Fora. XII Simpósio da ABHR, 31/05 – 03/06 de 2011.

PRANDI, Reginaldo. A religião do planeta global. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Orgs.). Globalização e religião. Petrópolis: Vozes, 1997.

WEBER, Max. Economía y sociedad: esbozo de sociología comprensiva. México: Fondo de la Cultura Económica, 1974